

lingüística

O ENSINO DE LÍNGUAS EM MACAU E O INTERCÂMBIO CULTURAL ENTRE O ORIENTE E O OCIDENTE *

*Sylvia Ieong Sao Leng ***

INTRODUÇÃO

Na década de noventa, depois de perto de vinte anos de rápido desenvolvimento, em parte graças à construção dos denominados grandes empreendimentos e do melhoramento das infra-estruturas existentes, Macau tornou-se uma moderna cidade asiática. Este Território, belo e brilhante como uma pérola, situado a Oriente, na costa sul da China, é alvo da admiração por parte de muita gente. Como pequena cidade internacional, a sua maior atracção deve-se às particularidades da sua história, cultura, religião, costumes, arquitectura e arte. O frutuoso intercâmbio cultural entre o Oriente e o Ocidente, resultante de quatrocentos anos de convivência entre o povo chinês e português em Macau, mundialmente admirados, têm atraído um número considerável de letrados, chineses e estrangeiros.

Ao entrar no novo século e no novo milénio, Macau, "Cidade de Deus", defronta-se de novo com diversas oportunidades e desafios, vivendo uma nova fase de prosperidade cultural através das intensas actividades culturais. Fortemente caracterizado pelos eventos culturais e pelos seminários académicos internacionais, Macau tem tido o orgulho de ser um ponto de encontro e reunião de artistas, especialistas e letrados de renome internacional. Como outros sectores culturais, as edições literárias vivem hoje um desenvolvimento sem precedentes. Há em Macau mais de dez publicações periódicas, de literatura e investigação, como por exemplo, a «Revista de Cultura», em chinês, português e inglês, a revista «Macau», em português, a revista «Administração», em chinês e português, «Estudos de Macau» e «Jornal de Gestão da

* Texto adaptado duma comunicação proferida na reunião anual da Sociedade de Ciências Sociais de Macau, com o tema "A sociedade de Macau e as culturas oriental e ocidental", que se realizou em Macau nos dias 23 e 24 de Novembro de 1996.

** Docente da Faculdade de Educação da Universidade de Macau.

Europa-Ásia», ambas em inglês, assim como as publicações em chinês «Hou Keng», «Economia de Macau», «Educação de Macau», «Colectânea de Textos», «Revista de Composição de Macau», «Revista de Poemas Modernos de Macau», «Poesia de Keng Hoi», «Reportório de Palavras», entre outras¹. E os títulos publicados, de autoria local, chinesa e portuguesa, atingem as dezenas por ano. Com o desenvolvimento do ensino superior, formou-se uma nova geração de escritores. Numa conferência sobre literatura realizada em 26 de Outubro de 1996, o Professor Catedrático da Academia das Ciências Sociais da China, Yang Kuanghan, ao referir as características da literatura de Macau, disse existir em Macau um grande número de escritores de todas as idades, que o território possuía uma grande densidade de autores em relação à sua superfície. No prefácio das «Prosas Seleccionadas de Macau», compiladas por Lin Zhongying, o Professor Catedrático da Universidade Jinan, Rao Pengzi, escreveu que, *no círculo da literatura de Macau... a prosa é importante. Os 114 textos de 57 escritores reunidos nesta colectânea são suficientes para demonstrar que a prosa de Macau possui características próprias*. Pode afirmar-se que a "quantidade" nos leva sempre para um aumento da "qualidade", tanto no nível como no conteúdo cultural, contribuindo assim para um novo surto de desenvolvimento.

A herança, a actividade, o intercâmbio e desenvolvimento cultural dependem todos da língua, que constitui o elo de ligação. O presente trabalho pretende debruçar-se sobre o relacionamento entre a língua e a cultura, os contactos das línguas e o intercâmbio cultural, para além de proceder a uma exposição, baseada na nossa experiência como formadores. Sobre o relacionamento entre o ensino de línguas e o intercâmbio cultural, propõe-se combinar conscientemente o ensino de línguas com o conteúdo cultural que as línguas comportam e transmitem, tomando o intercâmbio cultural como uma das principais metas a atingir, para que o ensino-aprendizagem de línguas se torne mais agradável tanto para o professor como para os alunos, obtendo-se assim resultados mais satisfatórios.

A LÍNGUA E A CULTURA

Na China, escrever textos que mencionem a moral, é desde tempos remotos considerado como o ponto de partida para a valorização da criação literária. Somente com os devidos valores morais, a escrita e a língua podem sobreviver, com vigor, ao peso do património cultural. Quando se herda, transmite e se desenvolve esse património através da escrita e da língua, pode esta última ser enriquecida e valorizada. "A

¹ Nota da Redacção: A comunidade de Macau tem ao dispor desde o início de 1997, uma nova publicação trimestral, bilingue, em língua portuguesa e em língua chinesa, editada pelo Gabinete Técnico do Ambiente, a *Lotus*, Revista do Ambiente.

língua e a cultura coexistem associadas. A macro evolução histórica da língua é sempre influenciada e desenvolvida por factores de carácter cultural, enquanto a sua micro evolução também está relacionada muitas vezes pela cultura". Para desenvolver a cultura, a língua é o factor mais importante, e ela tem sempre uma base cultural, sendo a cultura chinesa alicerçada pela sua língua, da mesma maneira que a cultura portuguesa é alicerçada pela língua portuguesa. Ao falarmos da preservação do património cultural de Macau não nos podemos esquecer de considerar a língua como elemento impulsionador. A transferência da soberania do Território para a China, em Dezembro de 1999, não significa que se repatrie a língua e a cultura portuguesa, pois a língua e a cultura não têm fronteiras. Sem a língua e cultura portuguesa, Macau perderá as suas características e o papel insubstituível que tem desempenhado. Preservar a cultura portuguesa reveste-se de vantagens não só para o Território, como também para o intercâmbio que a China pretende manter e fortificar com o exterior. Se não se der a devida atenção a este aspecto e sem medidas eficazes para depois de 1999, a língua portuguesa será condenada a um esquecimento mais ou menos rápido, como consequência do eventual esquecimento da cultura portuguesa. E aonde se poderá usar a língua portuguesa? O seu uso poderá limitar-se à Igreja, ou a um número reduzido de famílias, ou simplesmente uma língua escrita a usar na documentação e nos arquivos, podendo mesmo desaparecer na vastidão e complexidade da cultura chinesa. Resta-nos pouco mais de dois anos para que se processe a transferência da soberania, e falar das coisas abstractas ou construir castelos no ar não nos conduz a nada. O que são precisos são actos e medidas concretas, nomeadamente estimular os portugueses e os macaenses a estabelecerem-se no Território, continuando a servi-lo; formar um grande contingente de pessoal bilingue; abrir escolas que ensinem a língua portuguesa, de preferência, com o sistema de ensino português, para que as crianças se possam formar no ambiente da própria língua, tal como acontece com algumas escolas de sistema inglês da igreja. O português seria a língua veicular nessas escolas e os professores deveriam ir para Portugal estudar, para assim melhor servir Macau e continuar a desempenhar o papel de elo de ligação.

O PANORAMA DAS LÍNGUAS E CULTURAS DE MACAU

O panorama das línguas e culturas de Macau não pode deixar de ser alvo da admiração. Neste espaço que é Macau, fala-se o chinês, o português e o inglês, para além de tantas outras línguas que são usadas por outras comunidades aqui residentes, assim como as usadas pelos milhares de turistas que são oriundos dos quatro cantos do mundo, e que constituem um vaivém permanente, tanto aéreo, como marítimo e ou terrestre, ligando conseqüentemente o Território ao resto do mundo. Mais de cinquenta mil chineses repatriados de alguns países asiáticos

falam dialectos diferentes, *putonghua* de diferentes sotaques e línguas das terras ultramarinas onde moraram, o indonésio, o birmã, e até as línguas misturadas. Nos últimos anos, o número de falantes do *putonghua* do continente chinês, *huayu* (língua chinesa) de Singapura e *guoyu* (língua nacional) de Taiwan tem aumentado consideravelmente. O número de falantes dos dialectos de Fujian e do Sul de Jiangsu e do Norte de Zhejiang tende também a aumentar. Na Avenida de Almeida Ribeiro, podem ver-se anúncios nos vários estabelecimentos aí existentes, anunciando orgulhosamente que os seus empregados sabem falar *putonghua* e aceitam o pagamento na moeda chinesa, o *renminbi*. A capacidade comunicativa das trabalhadoras domésticas filipinas é admirável. Usam o inglês, o espanhol (que lhe permite a comunicação com os empregadores de expressão portuguesa) e o *tagalo*, este para comunicar com os seus compatriotas. Esta "grande combinação", ou "grande fusão" linguística, demonstra plenamente as características culturais de Macau que comporta a abertura, o intercâmbio e compatibilidade, ou, o intercâmbio e o carácter científico, a abertura e a compatibilidade, e a marginalização e a rebeldia. Obviamente que o património da língua e cultura de Macau contém muitas coisas para explorar e estudar de forma mais aprofundada, como por exemplo, os preciosos dados históricos sobre Macau que os historiadores nacionais e estrangeiros nos deixaram ao longo de mais de quatrocentos anos e sobretudo quando do auge do intercâmbio cultural entre a China e o Ocidente e o da prosperidade da cultura do Território. Actualmente, o intercâmbio cultural entre a China e o Ocidente encontra-se numa fase de prosperidade nunca antes vivida. No entanto, o estudo das línguas e culturas de Macau são ainda superficiais. Ao elogiar os vários e activos fenómenos linguísticos de Macau, os letrados são unânimes em afirmar que Macau é uma terra ideal de treino para o ensino-aprendizagem de línguas, onde os linguistas podem pôr em pleno jogo o seu talento. Não obstante, numa sociedade linguisticamente complicada que é Macau, quantas pessoas usam determinada língua em determinada ocasião? Qual o relacionamento entre a língua e o emprego, o poder e a igualdade da oportunidade? A capacidade e exactidão de usar a língua e a qualidade e essência da transmissão da ideia influenciam directamente a qualidade do intercâmbio cultural, decidindo até a autêntica realização da meta do intercâmbio cultural que nos propomos atingir. Esforços feitos exclusivamente para aumentar o intercâmbio, sem que se tenha tido em consideração o factor qualidade e definido patamares para o trabalho, não conduzem nunca a um autêntico intercâmbio. Por outro lado, qual a orientação para os contactos das diversas línguas em Macau? Em termos gerais, o contacto das línguas pode ter quatro resultados diferentes: 1. A mestiçagem (unificação) de línguas; 2. O aproveitamento de outras línguas; 3. O hibridismo; 4. O bilinguismo. Em Macau, podem existir estes quatro fenómenos ao mesmo tempo, em diferentes graus, encontrando-se ainda em constante mudança e desenvolvimento. Hoje em dia o contacto entre o chinês e o inglês, com resultados notórios, é muito mais intenso do que o que existe

entre o chinês e o português. Nos últimos anos, no entanto, criou-se uma nova tendência de desenvolvimento, tal como se pode observar nestas frases: “搵番個條Lei來睇下” (Procure a tal Lei para a consultar), “係咁先, Amanhã 啦!” (Fica assim. Até amanhã). Qual o futuro deste fenómeno? Tal situação merece que se dê a devida atenção.

O ENSINO DE LÍNGUAS E O INTERCÂMBIO CULTURAL

O grau e a qualidade do intercâmbio cultural dependem do portador e meio de propagação. A exactidão, a aptidão e a capacidade da língua, por sua vez, são influenciadas em grande parte, pela qualidade e eficiência do ensino das línguas. Apesar de assim ser, o actual método de ensino de línguas, em particular o caso das línguas estrangeiras, pouco considera os factores culturais e os objectivos do intercâmbio cultural, como também não considera os níveis do ensino e seu conteúdo, quer ao nível da metodologia, quer ao nível da avaliação. O Professor Catedrático de História da Universidade de Nanquim, Huang Hongzhao, no seu livro “A formação da identidade cultural de Macau”, escreveu que, em termos gerais, os intercâmbios culturais entre a China e o Ocidente se realizarem nos seguintes níveis: primeiro, os negócios entre os comerciantes chineses e portugueses exigiram uma comunicação entre si e, conseqüentemente, conhecimento da outra cultura... os chineses passaram a ser influenciados pela cultura dos portugueses, *pentem-se à estrangeira, vestem roupa estrangeira e falam língua estrangeira*; há também portugueses que vestem roupa chinesa e falam o chinês...; segundo, a missão católica alargou a influência da cultura ocidental. A religião católica é o símbolo da cultura ocidental... os missionários começaram a aprender, a escrever e a falar a língua chinesa só para satisfazer as necessidades da missão, e adaptaram--se aos costumes chineses, vivendo mesmo como chineses. No entanto, depois de terem estudado os livros clássicos chineses e conhecido a realidade da China, passaram a ser atraídos profundamente pela sua milenar história e cultura, de modo que se esforçaram para ser sinólogos e tomaram a iniciativa de divulgar a cultura chinesa no Ocidente; terceiro, o estabelecimento de escolas estrangeiras e a troca de livros sobre as culturas reforçou o intercâmbio cultural. O Colégio de São Paulo, inaugurado em 1 de Dezembro de 1594, foi um grande marco do intercâmbio cultural entre a China e o Ocidente. Este estabelecimento de ensino conseguiu formar e transformar muitos ocidentais em bons conhecedores dos assuntos chineses e até sinólogos, e muitos chineses em bons conhecedores da cultura ocidental, sendo o berço dos sinólogos ocidentais e dos ocidentalistas chineses do Extremo Oriente. Numa palavra, a elite bilingue tem sido formada nos intercâmbios culturais. Uma análise minuciosa sobre as disciplinas e os objectivos do ensino do Colégio de São Paulo poderá ser uma fonte benéfica para os nossos estudos. Das disciplinas ministradas neste colégio, o chinês era a

principal e obrigatória, e com o maior número de aulas de entre todas as disciplinas. Os seus alunos eram jesuítas europeus que vinham à China missionar, que deviam dominar o chinês e conhecer as realidades chinesas e os seus costumes e ritos. Também eram crentes chineses, japoneses e de outros países orientais, que deviam dominar o latim e o catolicismo, a fim de participar na missionação. Daqui se vêem os objectivos explicitamente desenhados, o domínio das línguas e o conhecimento das culturas. Na sua obra «A elite bilingue e o intercâmbio cultural», a Reitora Liu Xianbing fez uma apresentação detalhada sobre a formação de pessoal bilingue no território de Macau e os esplêndidos sucessos logrados por essa elite de sinólogos que escreveu e traduziu um número considerável de obras chinesas e ocidentais sobre religião, ciência e tecnologia. O pessoal bilingue, incumbido de divulgar as culturas, estudou com afinco as línguas e culturas e desenvolveu o processo do intercâmbio cultural entre a China e o Ocidente, tendo contribuído grandemente para este intercâmbio cultural. Os sucessos conquistados por eles confirmaram o êxito do ensino de línguas que tiveram. Outros tempos, outros ventos. Os alunos seleccionados eram “talentosos” e guiados por uma meta explícita estudavam com muito afinco. Este sistema é muito diferente do actual que é popularizado e obrigatório. A forte abertura à comunicação, o bom ambiente que se vivia e o esforço desenvolvido, encontra-se explícito nestas descrições *“com a permanência na China, as crianças estrangeiras começam a dominar a língua chinesa, o mesmo acontecendo com as suas mães, é difícil recrutar um mestre de moral, os alunos que vieram de longe são todos jovens”, “as aulas diurnas eram das 5 às 7 da manhã e das 5 às 7 da tarde, e quando tocava a campainha começavam a ler pelo período de duas horas”, e “à porta falavam-se dialectos de todo o lado, e, quando não se entendiam recorriam à escrita. Havia caracteres pequenos e grandes, para serem lidos horizontalmente ou verticalmente, estes muito mais difíceis de entender”*. Ainda hoje alguns destes exemplos continuam a ser importantes orientações a seguir. Do acima exposto, considera-se que, ao programar as disciplinas de línguas, se deve ter em conta a tarefa do intercâmbio cultural ao nível do conteúdo e metodologia do ensino. A língua submete-se pelo menos a duas séries de regras: 1. Regras sobre a estrutura, incluindo a fonética, vocabulário, gramática e outros; 2. Regras sobre o uso, ou seja, os diversos factores que decidem o bom uso de língua. O Programa de Estudos em Portugal e o Programa de Estudos em Pequim, implementados há alguns anos, apresentaram-se com uma eficiência satisfatória, porque as línguas em que os alunos se envolveram contêm um rico conteúdo cultural, reflectindo a vida real e estando fortemente relacionadas com o ambiente da vivência dos alunos, em vez das regras gramaticais e vocábulos, secos e pouco relacionados com a realidade. Nos últimos anos, ao Programa de Estudos em Portugal foi acrescentada uma nova disciplina designada por “Fusão com a cultura portuguesa”. Duas ou três séries de textos didácticos de português, publicados nos últimos anos em Macau, passaram a prestar um maior

contributo ao intercâmbio cultural entre a China e Portugal, nomeadamente o «Ora bem...», da autoria de Edite Domingues e Maria José Grosso, uma publicação da Direcção dos Serviços de Educação e Juventude, 1995. O material didáctico começa por um mapa do mundo, que dá uma sensação de movimento, com múltiplos círculos, dourados e brilhantes, a ligar entre si Macau, a China e Portugal; e o «Falar Português 2», elaborado com base nas necessidades do português do dia-a-dia. Quanto ao «Continuar a Falar Português», publicado pela Direcção dos Serviços de Educação e Juventude em 1990, foi adoptado o modelo por unidades, sendo as suas três primeiras unidades “Macau hoje”, “Macau no passado” e “Macau no futuro”. Lamentável é que os manuais didácticos de inglês que se usam em Macau, na sua maioria com origem em Hong Kong ou de outros pontos do exterior, se baseiem unicamente nos componentes e fenómenos linguísticos, limitando-se deste modo a ensinar estritamente o exigível ao ensino da língua, com a excepção de algumas funções da comunicação. Por exemplo, para ensinar a função “preferência”, o professor de inglês poderá seguir este processo:

1. *Prefer A to B (Preferir A a B)*
2. */ prefer A to B (Prefiro A a B)*
3. *John prefers this book to that book (O João prefere este livro àquele)*

Terminada esta exposição, e depois de ter dado alguns exercícios aos alunos, para além de chamar a atenção ao pretérito desse verbo, “preferred” [pri'f :d], o professor poderá sentir e concluir que “Tudo Ok!” Mais exemplos como este: “I prefer Chinese food to Portuguese food.” (Prefiro a comida chinesa à portuguesa), poderão aproximar a língua envolvida da cultura de Macau, despertando os interesses dos alunos pelo estudo, para que o que se ensina e aprende se torne aplicável às realidades. Para atingir esta meta exige-se evidentemente mais trabalho ao professor. Quanto à criação literária, preferimos “fazer textos conforme a situação e sentimentos”, opondo-nos à “criação artificial da situação e sentimentos para satisfazer as necessidades dos textos”. Não obstante, no que diz respeito ao ensino de línguas estrangeiras, a nossa opinião é que os dois modos podem usar-se ao mesmo tempo, complementando-se um ao outro, nomeadamente ao nível da escolha e compilação de manuais didácticos. São exemplo disso muitos textos escritos para introduzir as crianças no inglês que começam desta maneira:

*I am John
I am Mary
Hello, John
Hello, Mary
I'm Kitty
You're Betty
She's Anna
Hi, Kitty*

Hi, Betty

Hi, Anna.

Visam assim dar a conhecer aos alunos as mais usuais funções da comunicação — o cumprimento, a apresentação entre as pessoas. Ensinar-lhe o verbo no infinitivo “*be*”, o mais usual, as suas formas variantes conforme a pessoa “*am*”, “*is*”, e “*are*” e suas formas abreviadas “*I’m*”, “*she’s*”, e “*you’re*”; dar a conhecer alguns nomes comuns como “*Mary*”, “*John*”, “*Kitty*” e “*Anna*” e duas palavras que designam chamamento ou cumprimento “*Hello*” e “*Hi*”. O que se pretende ensinar não pode considerar-se pouco, mas, provavelmente os alunos não terão oportunidade de usar estas frases e termos, e, por outro lado, os vocábulos a ensinar são apenas pouco mais de dez. Este tipo de textos, sem “se terem criado situações e sentimentos” e sem conteúdo cultural, parece vazio, seco e monótono, não podendo de maneira alguma despertar o interesse dos alunos. Trabalhando com este tipo de manuais, o professor acabará por ficar também desinteressado, sentindo que o seu esforço, o talento e os seus conhecimentos não estão a ser plenamente aproveitados. Vejamos o seguinte poema:

Birds have nests:

We have home.

Macao is our home,

Where East meets West.

Go east,

Go west,

Home is best,

Go east,

Go west,

Macao is best!

Este poema é diferente do texto em cima referenciado, ao nível do conteúdo e funções da comunicação, mas é semelhante quanto ao comprimento, ao número de vocábulos, ao número de componentes e factores linguísticos. O trabalho exigido ao professor e aos alunos é idêntico. Não obstante, o poema comporta um conteúdo cultural característico de Macau, as palavras “*home*”, “*nest*” e “*Macao*” podem despertar o interesse das crianças. É fácil de aprender e memorizar, não causam sensação de desinteresse, embora haja repetições. O seu ritmo e a rima contribuí para que as crianças o recitem, aprendam alegres e tenham profunda impressão de novas coisas, podendo formar-lhes a consciência da comunicação e fortalecer-lhe a identificação com a terra natal. Quanto à metodologia, usando os *multimedia* e outros meios auxiliares, o professor tem a oportunidade de realçar o seu talento, como por exemplo, mostrando aos alunos fotografias de paisagem e de pontos de interesse cultural e histórico de Macau e o mapa-mundi, combinando o ensino de língua estrangeira com a cultura. Mesmo ao nível da língua, o poema possui um conteúdo mais rico, não sendo por outro lado difícil de aprender. O professor que ensina o inglês inicial às crianças pode fazer a experiência, usando este texto e o poema como material didácti-

co, observa a reacção das crianças, estuda a metodologia a adoptar, o domínio dos vocábulos, a recitação de textos, entre outros. Estamos convencidos de que utilizando este método poderão chegar à mesma conclusão, e ao mesmo tempo aprofundar o seu conhecimento sobre esta questão.

Com a abertura ao exterior e as reformas implementadas na China, o ensino de línguas estrangeiras tem registado um grande desenvolvimento, especialmente no litoral do país, com a utilização de novos materiais didácticos que enriquecem o conteúdo cultural. Os textos de inglês do primeiro ciclo do ensino secundário, enquadrados no material didáctico (versão do litoral) experimental, para os nove anos do ensino obrigatório, publicado pela Editora de Educação de Guangdong, combina “*Every Day Activities*” com a vida familiar, “*Weather & Places*” com o turismo, enquanto enquadra em “*Telling Time & Date*” as festas e os diferentes modos de viver dos povos do mundo, constituindo na verdade um bom exemplo a seguir pelos professores do Território.

CONCLUSÃO

Se fizermos uma observação global da história do intercâmbio cultural entre a China e o Ocidente, poder-se-á constatar que os letrados que conseguiram sucesso com a sua dedicação ao intercâmbio cultural e ao estudo das culturas chinesa e ocidental são também, na sua maioria, linguistas e tradutores. O território de Macau quando entra na década de noventa, enfrenta desafios e oportunidades de desenvolvimento, despertando-nos uma grande esperança no futuro, pondo-nos numa meditação profunda e numa cansativa mas útil pesquisa. Embora pequeno, acabou por ser um modelo do intercâmbio cultural entre a China e o Ocidente graças às suas características linguísticas e culturais. Perante esta nova fase histórica, devemos optar por uma nova visão, uma nova atitude e uma nova aspiração no preservar e no desenvolver das características linguísticas e culturais de Macau, envidando esforços contínuos e fazendo novos contributos para um novo desenvolvimento do intercâmbio cultural entre a China e o Ocidente!

BIBLIOGRAFIA

Wu Zhiliang, «*Macau observado a partir do encontro Oriente--Ocidente*», Fundação Macau, 1996.

Sui Guangjun e outros, «*Macau — observação e perspectivas*», Editora da Universidade Jinan, 1996.

Huang Hongzhao, “*A formação da identidade cultural de Macau*”, revista «*Administração*», N.º 33, 1996.

You Rujie, «*Discussão introdutiva sobre a língua e cultura chinesa*», Editora do Ensino Superior, 1993.

Miu Hongji, «*Macau*», Editora da Universidade Zhongshan, 1988.

Cheng Xianghui (redacção), «*Colectânea de comunicações sobre*

a língua de Macau», Sociedade de Ciências Sociais de Macau, 1992.

Deng Yanchang e outros, «*A língua e a cultura*», Editora de Ensino e Estudo de Línguas Estrangeiras, 1991.

Liu Xianbing, «*A elite bilingue e o intercâmbio cultural*», Fundação Macau, 1994.

Ngai Mei Cheong, “*Dois temas sobre a cultura de Macau*”, «*Revista de Cultura*», N.º 26, ICM, 1996.

Ieong, S. L., «*The Teaching of Languages in Macau*», «*Hou Keng*», 1989.

Kramsch, C., «*Context and Culture in Language Teaching*», Oxford University press, 1993.